

A SEMÂNTICA COMO NEGOCIAÇÃO DOS SIGNIFICADOS EM LIBRAS

MARÍLIA DA PIEDADE MARINHO SILVA
Centro Universitário UNI/BH

“A linguagem não é uma obra (ergon), mas uma atividade
(energeia)”
Humboldt

RESUMO

O objetivo deste artigo é problematizar algumas questões sobre o trabalho do professor/pesquisador como prática pedagógica e política (uma vez que transformadora), e situar, nessa prática, uma visão semântica da escrita de alunos surdos. Tomando como pressuposto que “o uso da linguagem é um lugar de construção dos recursos de significação”, este artigo tratará de algumas reflexões sobre a língua de sinais e a semântica como negociação de significado em Libras. o foco deste artigo é a relação sintático-semântica dos verbos em língua brasileira de sinais, analisada de acordo com suas propriedades, representações e significações. Desta forma, constatamos que, “o estudo da representações semânticas dos verbos em Libras” possa mostrar que aquilo que a escrita do surdo revela é a interferência da forma de negociação das significações da língua de sinais – cuja diferença é apontada nos exemplos estudados neste trabalho.

Palabras-chave: linguagem; semântica; Libras.

ABSTRACT

The objective of this paper is to problematize questions related to the work of the teacher/researcher as a pedagogical and political practice. Our intention is to situate, within that practice, a semantic view of the writing of deaf students in Portuguese. Considering that “language use is a space for the construction of meaning resources”, this paper addresses some of the reflections on sign language and on semantics as meaning negotiation in Libras. In order to carry out this study, we focus on the syntactic-semantic relation of verbs in Brazilian Sign Language, which we analyze taking into account its properties, representations and meanings. In this way, we found out that “the study of semantic representations of verbs in Libras” may demonstrate that the writing of deaf in Portuguese reveals the interference of the ways meaning is negotiated in the sign language. Such difference is illustrated by the examples presented in this work.

Key-words: language; semantic; Libras.

¹ Agradeço ao professor Rajagopalan a autorização para fazer uso de seus comentários em sala de aula sobre questões semântico-pragmáticas abordadas neste trabalho.

1. ALGUNS PRESSUPOSTOS

Este texto tem por objetivo problematizar algumas questões sobre o trabalho do professor/pesquisador como prática pedagógica e política (uma vez que transformadora), e situar, nessa prática, uma visão semântica da escrita de alunos surdos. A fundamentação teórica deste trabalho tem origem em duas fontes: a disciplina Introdução à Semântica, ministrada pelo professor Kanavillil Rajagopalan¹, no Instituto de Linguagem da Unicamp, e a pesquisa de tese de doutorado da professora Amara Felipe de Souza, do Departamento de Linguística e Filologia – Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Tomando como pressuposto que “o uso da linguagem é um lugar de construção dos recursos da significação”, esta reflexão tratará de algumas questões relativas às línguas de sinais e à negociação de significados na constituição semântica dessas línguas, postas em verdadeiro atrito nos textos escritos em língua portuguesa pelos alunos surdos. O foco deste trabalho é a relação sintático-semântica dos verbos em língua brasileira de sinais, Libras², analisada de acordo com suas propriedades, representações e significações, uma vez que tratar uma frase ou uma expressão do ponto de vista de sua forma é analisá-la sintaticamente e toda análise semântica pressupõe que sejam dadas de antemão informações sintáticas sobre as próprias expressões.

Abordada de diversas maneiras, a semântica é, em geral, definida como “a ciência que estuda a significação”. Essa definição geral pode ser cômoda, mas a verdade é que não acomoda a diversidade de posições teóricas e acaba mesmo por incomodar aqueles que desejam fixar o terreno das significações.

O campo restrito da língua como sistema abstrato e autônomo garante, até certo ponto, uma apreensão da significação que poderíamos chamar de “mais segura”; todavia, como a opção deste trabalho é levar em conta o uso, vou começar por tomar a semântica como “o domínio da investigação de limites moveáveis”, como afirmam Geraldí & Ilari, 1987. Para os autores, em oposição à imagem integrada que a palavra ciência evoca, aliada a uma desejada neutralidade por parte dos pesquisadores, a discussão é muitas vezes travada entre semanticistas de escolas diferenciadas, que fazem uso de conceitos e jargões sem medida comum, descrevendo, em suas análises, relações nem sempre claras entre fenômenos nem sempre óbvios.

Trabalhando com o uso da língua de sinais, considero que é preciso levar em conta a utilidade prática do estudo das significações e entendo que tanto as orientações abrigadas sob o manto da ciência quanto a própria dispersão do arcabouço teórico da semântica deveriam ser ressignificadas nas práticas pedagógicas. Na posição de professora/pesquisadora da linguagem de surdos brasileiros e interessada em apresentar algumas particularidades de sua língua, toma corpo neste trabalho a necessidade de apontar alguns

² Até 1993, a Língua Brasileira de Sinais era denominada LSCB (Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros) pelos pesquisadores, embora na comunidade surda já fosse conhecida como LIBRAS (FERREIRA BRITO, 1995). Neste trabalho, em consonância com a comunidade surda e com outros pesquisadores, opto pela utilização do nome LIBRAS.

aspectos da escrita dos surdos, escolhida como forma privilegiada de dar visibilidade a alguns problemas semânticos.

2. SEMÂNTICA: NEGOCIANDO A SIGNIFICAÇÃO

Antes de falar em significações negociadas, considero necessário apontar algumas trilhas que conduziram meu trabalho a essa forma de abordagem que considero a mais adequada para o tratamento dos textos escritos com os quais venho tendo contato em minha experiência de professora de alunos surdos. As leituras e resenhas realizadas durante o curso de Introdução à Semântica permitem-me contar uma breve história desses estudos para, em seguida, integrá-los à minha pesquisa sobre Libras e a escrita dos surdos.

Discutindo teorias lingüísticas, Rajagopalan (1996) aponta “semântica e sintaxe como frutos de uma abstração progressiva, isto é, no caso da primeira, concentrar-se-ia nas expressões lingüísticas e seus respectivos *designata*, deixando de lado qualquer menção ao usuário, ao passo que, no segundo caso, toda a atenção recairia exclusivamente sobre as relações entre expressões em si, esquecendo para tal fim tanto do usuário como do *designata*”.

Na verdade, a Filosofia, um pouco antes do fim do século XIX, atravessou um período de transformação profunda. A epistemologia (além da ontologia), que nos séculos anteriores fora a principal preocupação dos filósofos, cedeu lugar a questões semânticas. Esse fato tem como marco histórico – que o filósofo americano Richard Rorty batizou de “virada lingüística” – o trabalho de Frege sobre sentido e referência.

Para Frege, uma expressão referencial só pode ter um referente se tiver um sentido, ou seja, *Sinn* (sentido) determina *Bedeutung* (referência), embora o fato de ter um sentido não garanta que o termo tenha um referente, o que vale para o caso já célebre do “unicórnio” (que não tem referente no mundo real). Com o filósofo alemão, portanto, na relação entre uma expressão que (se) refere (a algo no mundo) e aquilo a que ela refere (o referente) introduz-se um terceiro elemento, o sentido, daí em diante o único acesso possível ao mundo real e externo à língua.

Como afirma Rajagopalan, é preciso não esquecer que esse elemento mediador, o sentido, traz com ele o falante e, portanto, a possibilidade de uma referência funcionar ou não de modo adequado: casos em que o falante diz, por exemplo, “O papagaio fugiu da gaiola”, apontando para uma arara, ou o já filosófico enunciado “*O atual Rei da França é calvo*” que, embora tenha sentido, exige, para que se calcule sua referência ou seu valor de verdade, que se leve em conta o momento de sua enunciação.

Para Rajagopalan, boa parte da polêmica entre Russell e Frege pode ser creditada a posições diferentes em relação à possibilidade ou não de haver uma referência a um objeto sem a intermediação da linguagem (digamos, uma palavra ou um sintagma nominal mais complexo). Russell defende que um enunciado como “O atual rei da França é calvo” é uma descrição, explicável em termos existenciais (depende da existência verificável de um rei da França), enquanto Strawson combate esse argumento afirmando que quem faz uma

afirmação como essa pressupõe a existência do rei francês, o que seria um outro modo de dizer que é o uso da expressão (aliado às intenções do falante) que determina a referência.

É o uso que faz com que, no “terreno movediço” da semântica, o pesquisador deslize para o lado pragmático da referência; foco, por exemplo, do trabalho de Donnellan que, segundo Rajagopalan, buscava dissolver o conflito entre Russell e Strawson distribuindo os usos das descrições definidas entre atributivos e referenciais, enquanto Searle explicava essa diferença como “aspectos” que dependem da posição do falante em relação ao referente.

A **significação** passa, então, a ser o centro da atenção e a linguagem tem sua transparência questionada, uma vez que entra em jogo o “fator humano”. De veículo encarregado de transporte dos significados ou instrumento de comunicação e expressão de pensamentos, a linguagem passa a ser considerada um fenômeno ainda mais complexo, uma vez que, como disse o filósofo alemão Martin Heidegger, “a linguagem nos fala”, e, muitas vezes, diz mais (ou menos) do que querem nossas intenções conscientes.

Entre questões de forma e questões de uso, as relações possíveis vão, segundo Rajagopalan, da incorporação da descrição sintática à descrição semântica, até uma elaboração relativamente independente desta última, passando por uma posição de meio termo que atribui à sintaxe a função de caracterizar construções dotadas do “mesmo” significado. Na verdade, a alternativa fundamental com que os pesquisadores se defrontam na sua tentativa de definir significado é saber se tal definição pode ser exclusivamente lingüística – e definir o significado por meio de uma metalinguagem que abstraia os usos – ou deve, de algum modo, referir-se à experiência dita extra- lingüística – e incluir em sua metalinguagem elementos que permitam associar a atividade lingüística a algum tipo de experiência concreta.

Para este trabalho, interessa-me a segunda alternativa, uma vez que permite repensar a língua como atividade – que pode levar a admitir que, ao enunciar uma frase, numa dada situação, o falante realiza um ato social – e tomar sua semântica como forma de negociação de significação. É nesse contexto e do lugar de pesquisadora nos estudos de linguagem de surdos que me proponho a refletir sobre a Libras e suas representações sintático-semânticas.

3. A LIBRAS E SUAS REPRESENTAÇÕES SINTÁTICO - SEMÂNTICAS

3.1. Língua de Sinais, uma língua visuo-gestual

Uma língua define-se como um sistema abstrato de regras gramaticais e é considerada língua natural quando própria de uma comunidade de falantes que a têm como meio de comunicação e na qual pode ser naturalmente “adquirida” como língua materna. As línguas naturais se opõem aos sistemas artificialmente construídos como, por exemplo, o Esperanto ou a linguagem do computador.

Uma língua nacional nem sempre corresponde ao conceito estrito de nação, como Estado constituído politicamente. Em um mesmo país pode vigorar mais de uma língua nacional oral, como é o caso da Suíça, da Bélgica e de muitos outros países. Em verdade, em

todos os países em que haja uma comunidade de surdos que se comuniquem através da Língua de Sinais, há, de fato e de direito, ainda que nem sempre reconhecido oficialmente, duas línguas em contato: a oral e a de sinais.

As línguas de sinais são sistemas abstratos de regras gramaticais, naturais às comunidades de indivíduos surdos dos países que as utilizam. Como todas as línguas orais não são universais, isto é, cada comunidade lingüística tem a sua. Assim, há a Língua de Sinais inglesa, a americana, a francesa, bem como a brasileira, sem falar nas diferenças ditas dialetais (a Libras não é falada do mesmo modo em todo o Brasil).

O que caracteriza a distinção entre as línguas é a diferença entre o sistema fonológico (de sons), morfológico (de formas), sintático (de estruturação frasal) e semântico-pragmático (significação e uso). É da estrutura específica de cada língua, nos quatro planos acima citados, que resulta a falta de inteligibilidade entre indivíduos de diferentes línguas.

No Brasil, é possível constatar vários sistemas lingüísticos distintos, próprios e naturais deste país: línguas orais, como o português e várias línguas indígenas, e, pelo menos, duas línguas de sinais: a usada pelos surdos que habitam os centros urbanos e a usada pela tribo Urubu Kaaopor, citada por Kakumasu (1968) e Ferreira Brito (1984). Todas essas línguas apresentam sistemas de regras gramaticais distintos e devem ser consideradas línguas naturais do Brasil.

As classificações de línguas têm evidenciado várias tendências metodológicas que tornam difícil um posicionamento quanto à aceitação do monogenismo lingüístico. As pesquisas atuais³, distinguindo aproximadamente 200 famílias distintas, tendem a mostrar um poligenismo lingüístico.

As propostas tipológicas sempre descreveram somente línguas orais-auditivas, não incluindo as várias línguas de sinais usadas em todo o mundo, visto que os estudos sobre tais línguas só começaram a despertar interesse entre os lingüistas a partir da década de 1960, quando as propostas tradicionais e as estruturalistas já estavam sendo questionadas.

Nos Estados Unidos, Stokoe (1960) e Stoke et al. (1965) iniciaram pesquisas sobre a American Sign Language (ASL) que têm norteado todos os estudos nessa área de Lingüística Aplicada à Língua de Sinais.

Atualmente, lingüistas em o todo mundo têm se interessado pela(s) línguas(s) de sinais de seus países. Na Universidade de Bristol, na Inglaterra, para citar um exemplo, já estão sendo realizados estudos comparativos de várias línguas de sinais para traçar as famílias lingüísticas, ou seja, os troncos comuns, grupos e subgrupos, reforçando o poligenismo lingüístico também para as línguas de sinais (Kyle, 1991)⁴.

A ASL e a Libras, por exemplo, têm um parentesco com a Língua de Sinais Francesa (FSL) porque, no século passado, foram os professores franceses que se deslocaram – tanto para os Estados Unidos quanto para o Brasil – para ensinar língua de sinais. Esses

³ As várias vertentes teóricas tradicionais e tipos de classificações de línguas de cunho estruturalista estão em: Trombetti (1923), Gladstone (1975), Fonseca (1985), Sapir (1939), Greenberg (1961), Anderson (1985), entre outros.

⁴ Dados coletados em curso na UFRJ (1991), ministrado pelo professor Doutor Jinn Kyle, da Universidade de Bristol, na Inglaterra.

professores utilizavam um método de ensino desenvolvido pelo Abade de *L'Epée*, que utilizava um bimodalismo, o francês sinalizado, para ensinar a língua francesa. Seu método, denominado “methodical signs”, foi desenvolvido para ensinar francês e passou a ser utilizado por professores surdos e ouvintes em escolas para surdos a partir de 1774, ressaltando que, em vários momentos em seu livro, *L'Epée* insiste na necessidade de ensinar os surdos em sua própria língua (Lane, 1980).

A FSL utilizada pelos professores franceses como superestrato deve ter exercido forte influência sobre as outras duas línguas de sinais, como adstrato, que já eram utilizadas pelos estudantes surdos das primeiras escolas em ambos os países; por isso, hoje, embora a ASL e a Libras sejam línguas distintas, é possível encontrar semelhanças no léxico, no uso de classificadores e até no alfabeto manual (datilografia).

Após quase três décadas de pesquisas sobre as várias línguas de sinais em vigor no mundo, é preciso repensar as classificações das línguas. A primeira forma de classificação diz respeito à modalidade, ou seja, ao canal utilizado para a realização de uma língua (Felipe, 1988). As questões relacionadas aos conceitos de arbitrariedade e iconicidade⁵ podem dividir as línguas do mundo em dois grandes grupos: a) **Línguas orais-auditivas** – aproximadamente cinco ou seis mil no mundo: hoje, segundo Gladstone (1975); b) **Línguas gestuo-visuais (Línguas de sinais)** – não há estimativas quanto ao número aproximado. No Brasil, segundo pesquisas mais recentes, foram encontradas duas línguas de sinais: a Libras e a Língua de Sinais dos Urubu Kaapor (Kakumasu, 1968), (Kakumasu & Kakumasu, 1977), (Ferreira Brito, 1984).

A Libras – uma língua espaço-visual – utiliza o espaço tridimensional para a configuração sígnica e, portanto, não está sujeita somente à linearidade de seus significantes, como nas línguas oral-auditivas, cujos significantes são imagens acústicas que podem ser símbolos (signos arbitrários), ícones (onomatopéias) ou índices (dêiticos) (Peirce, 1980).

As línguas de sinais, como as línguas orais-auditivas, também possuem signos que podem ser símbolos, ícones e, na estrutura “fonológica”, são formados a partir da configuração de unidades discretas, feixes de traços distintivos constituídos por quatro parâmetros: configuração de mão (CM), movimento (M), direcionalidade (Dir) e ponto de articulação (PA) (Stokoe, 1960)⁶. A partir de pesquisas sobre os traços não-manuais (Liddell, 1977), (Ekman, 1978), (Aaron, Bahan, Kegl & Neidle, 1992), pode-se falar de um quinto parâmetro: as expressões faciais e corporais. Em Libras, por exemplo, há sinais realizados somente através das expressões faciais, como é o caso dos sinais para LADRÃO, BALA e RELAÇÃO-SEXUAL.

Esses cinco parâmetros tornam possível construir morfemas e, por meio de alterações em suas combinações (configurações de mãos, movimentos direcionados, alterações na

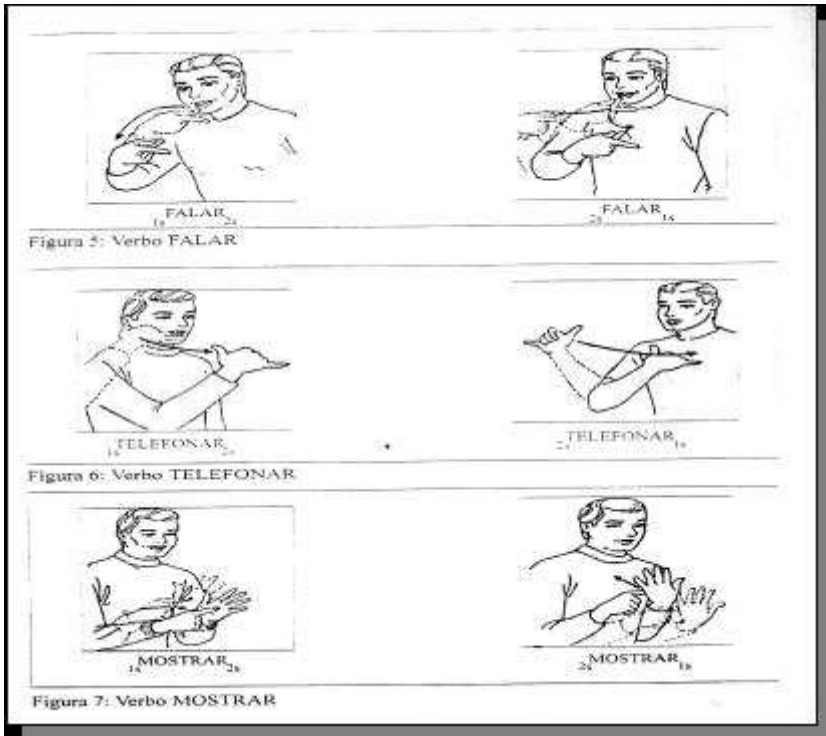
⁵ O conceito de Iconicidade utilizado neste trabalho é baseado em Peirce (1980). Muitos signos lingüísticos gestuo-visuais podem ser icônicos, uma vez que apresentam uma motivação em relação ao referente que representam; contudo, sendo signos lingüísticos, sempre estarão sujeitos às regras convencionais do sistema fonológico de cada língua, o qual estabelece as possíveis combinações de suas unidades discretas para a formação do signo.

⁶ Ferreira Brito (1990), a partir das pesquisas de Stoke (1960) e Klima & Bellugi, em Klima, Bellugi, et al. 1979), descreveu esses parâmetros na LIBRAS.

freqüência do movimento e pontos de articulação), formar os itens lexicais das Línguas de sinais. Esses itens são morfemas lexicais ou gramaticais que podem ser, diferentemente, uma raiz/ radical (M), um afixo (alterações em M), uma desinência (Dir) ou uma marca de concordância (PA e CM).

Apresento, a seguir, alguns exemplos do funcionamento dos parâmetros:

a) **direcionalidade:** um movimento circular e anti-horário pode caracterizar um advérbio de tempo: por exemplo, os sinais ANO (sentido horário) e ANO PASSADO (sentido anti-horário); a direcionalidade para direita/ para esquerda pode ser uma marca de mudança de turno⁷; a direcionalidade movimento retilíneo: ponto inicial/ ponto final pode ser uma flexão verbal de pessoa do discurso. Por exemplo: **1sFALAR2s - 2sFALAR1s, 1sTELEFONAR2s - 2sTELEFONAR1s, 1sMOSTRAR2s - 2sMOSTRAR1s.**



⁷ O movimento do corpo direcionado no enunciado pode ser marca de mudança de turno indicando o discurso direto, ou seja, a cada mudança um interlocutor diferente assume o discurso (Felipe, 1991).

Veja figuras abaixo:

b) **alteração na frequência do movimento**: pode ser marca de aspecto temporal (TRABALHAR – CONTINUAMENTE); de modo (FALAR - DEMASIADAMENTE), ou um intensificador (BEBER – MUITO);

c) **ponto de articulação**: pode ser uma marca de concordância do verbo com seu argumento: caso locativo intrínseco. Para os verbos que possuem essa marca, a finalização do movimento é sempre o local onde foi realizado o sinal que corresponde ao locativo. Quando isso não ocorre, a frase se torna agramatical, por isso o verbo COLOCAR sempre terá uma co-indicação representada, como na frase abaixo, pela variável “i”:

MESA i JARRA COLOCAR i
“colocar a jarra sobre a mesa”

O ponto de articulação também pode ser um ponto de referência do índice pronominal. Os sinais para as pessoas do discurso ou para os argumentos de verbo são articulados em espaço neutro específico, o que faz com que não haja ambigüidade, porque sempre que o falante voltar a mencionar um argumento no discurso, apontará para o ponto onde foi articulado e convencionado como locativo. Por exemplo:

ONTEM RUA IND Cl: 11sy MARIAy Cl: 1y⁸ PASSAR – PARALELO – EM – SENTIDO – CONTRÁRIOy
“Ontem eu, que estava vindo de um lado da rua, passei por Maria, que estava vindo em sentido contrário”⁹.

d) **configuração de mão**: como marcador de gênero (animado/ inanimado) pode ser um classificador. Por exemplo:

PESSOA CL:1y ÔNIBUS CL:5y veículo y COLIDIR y pessoa
“O ônibus bateu em uma pessoa”

Na junção dessas unidades, tem-se o item lexical de uma língua gestual-visual que, icônica, indexical ou arbitrariamente, determina um referente.

A partir dos exemplos apresentados, tomando o verbo como exemplo, podemos observar que há alguns componentes do significado das palavras que determinam seus usos e comportamentos como argumentos para função, portanto, quando falantes usam uma língua, eles têm um conhecimento lexical com o qual constroem suas expressões (Hale&Keyser, 1992).

⁸ Tese de Doutorado, Tanya Amara Felipe de Souza, UFRJ, 1998.

⁹ Frase, hipotética e gramaticalmente correta, mas, por ser em Libras e não um enunciado, não está contextualizada.

3.2. Os verbos na Libras e suas representações sintático-semânticas

Segundo Levin (1993), “a chave para o comportamento do verbo é seu significado”, ou seja, se um falante conhece o significado de um verbo pode prever seu comportamento, porque as propriedades sintáticas particulares são associadas a verbos de certo tipo **semântico**. Assim, verbos que pertencem a determinadas classes, de acordo com seus componentes semânticos também apresentam componentes semelhantes.

Nessa perspectiva, os membros de cada classe têm em comum tanto propriedades sintáticas como semânticas e, como foi mostrado em muitos estudos (Levin, 1993; Hale & Keyser, 1992), a diferença no comportamento verbal pode ser explicada se as alternativas diatesis são percebidas em componentes particulares do verbo.

Tomemos como exemplos os verbos *pegar*, *esbofetear*, *cortar* e *quebrar*. *Pegar* é um verbo de contato, e *esbofetear* é um verbo de contato com movimento, enquanto *quebrar* e *cortar* são verbos de mudança de estado. *Cortar* causa mudança de estado pelo fato de um agente mover alguma coisa em contato com a entidade que muda seu estado. Verbos como *cortar*, em Libras, envolvem um instrumento e requerem a existência de um agente que usa um instrumento para causar uma mudança em um paciente; assim, *cortar* é basicamente um verbo que possui pelo menos dois argumentos e nunca poderia ser encontrado em construção incoativa. Por outro lado, *quebrar* é um verbo de mudança de estado, mas não requer inerentemente um agente e, por isso, pode estar em construção incoativa, em que apenas um argumento é requerido, denotando uma entidade que muda de estado, como, por exemplo, na frase: *A garrafa quebrou*.

Assim, quando uma pessoa utiliza um desses verbos, ela está pondo em jogo as noções de movimento, contato, mudança de estado e causa que estão presentes na caracterização desses verbos como parte de seus *frames*. Dessa forma, para descrever um verbo, apresentando-o como membro de uma classe, é preciso mostrar os componentes do significado que todos os verbos dessa mesma classe têm em comum, podendo também correlacioná-los à participação em alternância diatesis.

No caso dos verbos que implicam a noção de contato, essa noção é correlacionada com alternância, posse do corpo, enquanto a noção de contato e movimento está correlacionada com a alternância conativa. Os verbos de mudança de estado estão correlacionados à alternância causativa/incoativa, enquanto os verbos cujo significado envolve “causa de mudança de estado” estão correlacionados com a alternância medial.

De acordo com os pressupostos teóricos apresentados, podemos registrar que a classificação dos verbos de Libras segue dois critérios:

1. morfológico – que os classifica em termos de flexão;
2. semântico – que os classifica conforme a estrutura semântica conceitual.

Seguindo essa classificação, os verbos em Libras foram divididos em quatro grupos: verbos sem flexão verbal, verbos sem flexão para pessoa do discurso, verbos com flexão para gênero e verbos com flexão para locativo/tema. As quatro classes citadas estão incluídas

em vários subtipos de verbos que estão sendo estudados nas línguas orais-auditivas; todavia, em Libras, a estrutura sintática de muitos desses subgrupos é a mesma.

Verbos sem flexão verbal – Neste grupo, existem os subgrupos dos verbos (cf. Felipe de Sousa, p.144) que indicam aparição e ocorrência, aprendizagem, clima e fenômenos da natureza, desejo e carência, funções e metabolismos do corpo, ingestão, percepção, permanência e também sons de animais. Esse grupo caracteriza-se por ser composto. Seu processo de formação inclui raízes miméticas (a maioria) ou derivação zero (como é o caso dos verbos relacionados a clima/fenômeno) e pode se subdividir, em relação à representação semântica de seus *frames* proposicionais, em: verbos sem sujeitos, verbos sem objeto, verbos com flexão para pessoa do discurso, verbos com flexão para gênero, verbos com direcionalidade implícita, verbos com raiz “**de**”, verbos com raiz “**para**”, verbos multidirecionais, verbos com flexão para locativo, sentenças copulativas.

Entre os **verbos sem sujeito**, encontram-se aqueles que denotam fenômenos atmosféricos ou naturais, condições do mundo ou do tempo. Esses verbos não podem ser separados de argumento implícito (tem) sobre o qual evento/estado é predicado. É o caso de: ONTEM CHOVER (Ontem choveu). A representação semântica do *frame* proposicional de verbo EVENTO será: **ESTAR** Evento (*coisa*) – em que a COISA é o caso tema implícito semanticamente à raiz.

No caso dos **verbos sem objeto**, a representação semântica do EVENTO sem objeto com sujeito paciente ou experienciador não apresentará a camada de ação:

ind 1s AMIG @ MULHER MUITO @ ANTES JÁ MORRER.
 (Minha amiga de muito tempo já morreu).
 [IR [coisa *] [Para – caminho [Lugar] [propriedade]]
 EVENTO (processo)
 Onde* = argumento

O grupo de **verbos com flexão para pessoa do discurso** está dividido, segundo diversas propostas de análises, nos subgrupos: mudança de posse, comunicação e interação social. Esses verbos, segundo Felipe de Souza (1998), “são chamados de verbos direcionais nas línguas de sinais, uma vez que possuem um movimento direcionado com um ponto inicial para a origem e o final para a meta, possuindo flexão para as pessoas do discurso”. Verbos como esses, de ação, possuem sua representação semântica em duas camadas: a de ação (AGIR) e a temática. A representação semântica do *frame* proposicional desse verbos será:

AGIR [] []
 Coisa 1 Coisa 1
 (agente/origem) (tema)
 [CAUSAR [] [IR] [PARA] []
 Evento(ação) coisa(tema evento caminho coisa(benefativo/meta)

Os **verbos com flexão para gênero** incluem os subgrupos: colocação, movimento e mudança de posse. Quando usados bitransitivamente, são verbos classificadores, e têm raiz modificada para concordar com o segundo argumento: objeto–tema; quando usados transitivamente, têm sua raiz modificada para concordar com o primeiro argumento: sujeito–tema. Os verbos de colocação e de movimento que são classificadores podem ter alteração medial e possuem uma flexão para concordar com o objeto, ou seja, o movimento final do tema é um ponto convencionalizado onde o locativo foi realizado, por exemplo:

Muit@ livro estante coisa plana amontoar.			
(Muitos livros estão amontoados na estante)			
A representação semântica do <i>frame</i> proposicional desse tipo de verbo será:			
AGIR []	[]
COISA			COISA
(agente/origem)			(tema)
CAUSAR []	[IR]	[PARA]
Coisa		evento	caminho
	(ação)		(tema)
			[COISA]
			meta/locativo

Quanto aos verbos de movimento, devido a certas características sintático-semânticas, podem ainda ser subdivididos em: verbos com direcionalidade implícita, verbos com raiz “de”, verbos com raiz “para” e verbos “multidirecionais”.

Os **verbos de movimento** em Libras, quando em contexto, incorporam ao EVENTO, através do movimento direcional, as noções preposicionais. Vemos que, nesse caso, mesmo com os indicadores sintático-semânticos, só o contexto de uso determinará a significação, que, nesse sentido, é negociada pelos interlocutores no momento da interlocução. A raiz de alguns desses verbos realiza iconicamente o *movendo* para o *movendo* de uma localização. Em uma perspectiva **semântico-pragmática**, a codificação dessas orientações espaciais é traduzida por movimentos direcionais em relação ao enunciador do ato de fala; por isso, foram classificados de verbos direcionais de raízes diferentes, como é o caso dos verbos com a raiz “de”, que possuem movimento linear iniciado no espaço neutro próximo ao ponto convencionalizado para a primeira pessoa (loc) e finalizando no espaço neutro convencionalizado para a terceira pessoa (loc), como ir, sair, e viajar, por exemplo. Segundo Felipe de Souza (1998), os verbos “fechar-janela, fechar-porta, fechar-gaveta, embora possuam a mesma direcionalidade no movimento, não possuem este tipo de raiz, uma vez que essa direcionalidade não se refere a uma característica semântica desses verbos, mas está relacionada à iconicidade de sua representação sígnica”(p.122). No caso dos verbos com raiz “para”, o movimento linear tem início no espaço neutro convencionalizado para a terceira pessoa (loc) e finalizando no espaço neutro próximo ao ponto convencionalizado para a primeira pessoa (loc), como os verbos: vir, voltar, chegar, descer, por exemplo.

Em Libras, o verbo “abrir” e o verbo “fechar” sempre incorporam o objeto (abrir-janela, abrir- porta e abrir-gaveta), possuindo iconicidade de representação sígnica. Sua

direcionalidade é inversa à do verbo Fechar, mas tanto o verbo Fechar, em relação aos verbos da raiz “de”, como o verbo ABRIR, em relação aos verbos de raiz “para”, são casos de homonímia.

Os verbos multi-direcionais estão relacionados não ao emissor, mas ao sujeito – agente/tema, ou ao objeto – tema da frase, podendo apresentar várias direções. Tais direções dependem da localização inicial e da trajetória do sujeito ou do objeto, não tendo um pouco inicial ou final pré-determinados, uma vez que esses pontos vão depender do contexto.

Esse tipo de EVENTO – exemplificado pelos verbos andar, mover, carregar, pegar, puxar – apresenta, simultaneamente, informações espaciais da localização e do movimento, como também do sentido do movimento, que pode se dar em qualquer direção. Esse tipo de verbo pode ainda incorporar “a raiz” ao caso modal, por exemplo:

Apressadamente Homem Andar cinema
Kd Ke

(O homem, que estava do lado direito da rua, andou apressadamente em direção ao cinema que ficava do lado esquerdo).

Nessa frase, um homem que foi mencionado no discurso foi situado, segundo a perspectiva do emissor, em relação a uma rua na qual se encontravam: o emissor, do lado direito, e o cinema, do lado esquerdo. Sua trajetória – atravessar de um lado para outro – teve seus pontos convencionados como pontos de referência da terceira pessoa. Dependendo do modo de realização do Evento andar, pode-se apreender se a pessoa anda devagar, apressada, se é gorda, se anda saltitando, etc. Dessa forma, muitos verbos dessa classe podem incorporar à raiz os casos modais modo e instrumento, além do intensificador.

Os **verbos com flexão para locativos** incluem: contato por impacto, criação e transformação, criação de imagem, cuidados corporais e remoção. Esse tipo de verbo possui raiz mimética, e muitos se formam pelo processo de derivação zero, incorporando o papel temático paciente ou caso modal instrumento. A marca do locativo, segundo argumento obrigatório, é o ponto final de realização do sinal verbal em relação a esse locativo no qual o paciente é localizado ou parte do corpo ou do objeto afetado pela ação verbal. Por exemplo: Ontem Isabel cabelo cortar-com-tesoura (Isabel cortou o cabelo ontem) e Gostaria não copo lavar (Eu não gosto de lavar copo).

Pode-se observar que os verbos desse grupo podem apresentar a alternância holística/partitiva por meio do tipo de movimento que indicará a parte afetada. Assim, no exemplo com o verbo CORTAR, pode-se incorporar à raiz o modo como o cabelo está sendo cortado: se em partes ou como um todo.

Quando o verbo é usado intransitivamente, a raiz mimética incorpora o locativo. Por exemplo: A professora escrever-no-quadro-negro (todo). Como os verbos de colocação também possuem marca para o locativo, além da marca de gênero animado/inanimado, esses verbos também foram incluídos neste grupo.

Em Libras, os verbos copulativos “ser” e “estar” não são usados, ficando na estrutura de superfície apenas o sujeito e o predicativo. Por exemplo:

Mulher muit@ doente não pode trabalhar
(A mulher está muito doente e não pode trabalhar).
Maristela professor@
(Maristela é professora)

Nos dados de Libras aparecem construções com itens lexicais correspondentes aos verbos **ser**, usado somente na terceira pessoa do singular, e **estar**. Por exemplo: *ind* **Estar** alegre porque *loc* Brasil começar trabalhar Libras (Eu estou alegre porque no Brasil começar a trabalhar com Libras).

A partir do exposto, pode-se concluir que a **representação semântica dos verbos em Libras** permite dar a ver, em razão de sua iconicidade e de sua estrutura sintática, os componentes sintático-semânticos de sua estrutura. O conhecimento do frame temático de um verbo propiciará, portanto, a organização do frame proposicional a partir das regras sintáticas da língua.

Essa iconicidade de língua compensa o tempo de articulação gestual, que é maior do que a prolação dos fonemas nas línguas áudio-auditivas, por meio da flexão e de incorporações de conceitos preposicionais, modais e holístico/ partitivo à raiz verbal.

A mímica não é língua, mas parte da substância do plano de expressão que, tendo um plano de conteúdo universal, pode facilitar a compreensão do significado, porém, para produzir verdadeiros enunciados em línguas de sinais, essa mímica deverá estar submetida às regras morfológicas e sintáticas de uma língua gestual - visual.

4. CONCLUSÃO

Em relação às questões apontadas nesta reflexão, quero salientar que o presente estudo constitui apenas um levantamento inicial, parte de um trabalho a ser desenvolvido ao longo de meu curso de doutorado na linha de pesquisa “aquisição de língua materna”. A apresentação da língua de sinais, o estudo dos verbos e a proposta de abordar a semântica em Libras como negociação de significação – uma vez que as regras sintático-semânticas não são suficientes para determiná-la –, justificam-se pelo empenho em trazer uma contribuição desse campo dito semântico-pragmático para um redimensionamento teórico das Línguas gestuais em contato com Línguas orais- auditivas.

O processo construtivo desta reflexão teve como propósito apontar, a partir de exemplos e da fundamentação teórica, a interpretação e a intercompreensão das ações comunicativas e instrumentais da sala de aula, bem como o julgamento de pressuposições de verdade ou eficácia de conformidade e de autenticidade com base na compreensão e transformações de teorias ensino/aprendizagem da língua escrita. Dizendo de outra forma, nosso objetivo é criar reflexões que permitam a interpretação do que é dito, ou seja, uma atividade contextualizada para a qual colaborem todos os participantes da interação, uma vez que entendemos que a colaboração se dá à medida que os participantes têm a possibilidade de interpretar o que está sendo dito, externar esses significados e colocá-los em negociação.

Ou seja, “é nesse jogo de negociação que os sentidos e significados são problematizados, transformados e reconstruídos, *contribuindo, assim, para esse processo de significação, na sintaxe, semântica, sociolingüística e psicolingüística, uma vez que essas contribuições se dão, na e pela língua, em atividades sociais contextuais e historicamente situadas*” (Machado, 1996, grifo meu).

Certamente, existem análises semânticas mais intuitivas e menos rigorosas, assim como existem também outras, mais restritas, e que delimitam os fenômenos mostrando maior rigor em suas explicações, apontando possibilidades de calcular as propriedades semânticas de expressões complexas. Todavia, concordo com Geraldi & Ilari (1987), quando observam que o radicalismo, tanto de uma posição quanto de outra, é tão ingênuo quanto acreditar que não se produz conhecimento na poesia ou que não existe criatividade na ciência.

Neste estudo, verifico que as posições teóricas que consideram o papel do usuário e a situação da enunciação permitem, especificamente em Libras, entender a produção dos textos escritos dos alunos surdos como prática pedagógica e política. Pedagógica, porque os textos escritos em português causam estranhamento nos leitores (professores e alunos ouvintes), levando-os a julgar o aluno surdo incapaz de uma escrita coerente e coesa, e levando-os mesmo a deduzir dessa escrita uma deficiência de capacidade cognitiva. Acredito que este estudo das representações semânticas dos verbos em Libras possa mostrar que aquilo que a escrita do surdo revela é a interferência da forma de negociação das significações da língua de sinais – cuja diferença é apontada nos exemplos aqui estudados – na escrita desses alunos em língua portuguesa.

Se o que levanto é correto e se o que estranhamos é fruto dos diferentes tipos de negociação, é preciso tomar conhecimento desse comércio entre línguas e considerar, em nossa prática política (no sentido de transformadora) de professores de alunos surdos (numa sala de aula interagindo com alunos ouvintes), uma outra visão semântica da escrita desses alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AARONS, D., BAHAN, J. NEIDLE, C. (1992). Lexical Tense markers in American Sign language. *Sign, Gesture and Spac Emmorey and reily* (eds.). Hillside, New Jerse: Lawrwnce Erbaum Association.
- EMONDSOON, W.H. (1990). A Non-Concatenative Account of Classifier Morphology in Signed and Spoken Languages. In Siegmund Prillwitz & Tomas Vollhaber (eds.) *Currents Trends in Eurpean Sign Language Research*. Hamburg: Signum Press.Currents.
- FELIPE DE SOUZA, TANYA AMARA. (1998). *A Relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (Libras)*. Tese de Doutorado em Lingüística: UFRJ.
- FERREIRA BRITO, L. (1989) Classificadores em LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, pp. 640-654.
- _____. (1995). *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Depto. Lingüística e Filologia.

- FREGE, G. (1978). "Über Sinn und Bedeutung". Trad. Bras., São Paulo: Editora Cultrix.
- GLADSTONE, Ch. M. (1975). Iniciação á Filologia e a Lingüística Portuguesa. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- HALE, K. L. and KEYSER, S. J. (1992) The Syntactic Character of Thematic Structure. in: ROCA, I. M. (ed.). pp.107-143.
- ILARI, R. & GERALDI, J. W. (1987). *Semântica*. São Paulo: Editora Ática.
- KAPLAN, D. (1978). Dthat. In Cole, P. (Org.) *Syntax and Semantics, vol. 9, Pragmatics*. New York. Academic Press, pp. 221-243.
- KAKUMASU, J. (1968) Urubu Sign Language. *International Journal of American Linguistics*.
- KAKUMASU, J. e KAKUMASU, K. (1977) *Dicionário por Tópicos: Urubu – Português*. Belém: Summer Institute of Linguistics.
- RUSSELL, B. (1911). Knowledge by acquaintance and knowledge by description. *Proceedings of the Aristotelian Society*, vol.11, pp. 108-128.
- LIDDELL, S. (1977) An Investigation into the Syntactic Struture of ASL. San Diego: University of California, Doctoral Dissertation, CA.
- STOKOE, W. (1960) Sign Language Structure: An outline of visual communication system of the American deaf. *Studies in Linguistics', Ocasional Papers* n° 8.
- STOKOE, W., CASTERLINE, D. & CRONEBRG, C. (1965). *Dictionary of American Sign Language*. Washington Gallaudet College.
- WITTGENSTEIN, L. (1953). *Philosophical Investigations*. Londres. Blackwell.